



Recebido em  
10-01-2016

Aprovado em  
04-10-2016

### Como citar este artigo

Santos AS, Santos RM, Barros LMC, Santos WB, Costa LMC. [Inserção masculina no primeiro curso de graduação em enfermagem de Alagoas– 1974/1984] Hist enferm Rev eletrônica [Internet]. 2016;7(1):336-45.

## Inserção masculina no primeiro curso de graduação em enfermagem de Alagoas – 1974/1984

*Inclusion of men in the first program undergraduate nursing in Alagoas–1974/1984*

*Inclusión de los hombres em el primer programa pregrado en enfermeira en Alagoas– 1974/1984*

**Silvia Alves dos Santos<sup>I</sup>, Regina Maria dos Santos<sup>II</sup>, Larissa Melo Coêlho Barros<sup>III</sup>, Wanderlei Barbosa dos Santos<sup>IV</sup>, Laís de Miranda Crispim Costa<sup>V</sup>**

<sup>I</sup> Discente do Curso de graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem e Farmácia (ESENFAR) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Membro do Grupo de Estudos D. Isabel Macintyre (GEDIM). Maceió, Alagoas. E-mail: silviaphaiffer@hotmail.com

<sup>II</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Associado IV da ESENFAR/UFAL e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PGENFMestrado). Líder do GEDIM. Diretora do Centro de Pesquisa em Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem Seção Alagoas (ABEn AL). Maceió, Alagoas. E-mail: relpesantos@gmail.com

<sup>III</sup> Discente do Curso de graduação em Enfermagem da ESENFAR/UFAL. Membro do GEDIM. Maceió, Alagoas. E-mail: larissinha\_barros@hotmail.com

<sup>IV</sup> Discente do Curso de graduação em Enfermagem da ESENFAR/UFAL. Membro do GEDIM. Maceió, Alagoas. E-mail: wanderley89@live.com

<sup>V</sup> Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Assistente da ESENFAR. Membro do GEDIM. Tesoureira da ABEn AL. Maceió, Alagoas. E-mail: laismcc@gmail.com

### RESUMO

Estudo quantitativo de cunho histórico-documental, cujo objetivo foi analisar a inserção masculina nos dez primeiros anos do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, a partir de documentos depositados nos arquivos setoriais da instituição. As fontes primárias foram listas de ingresso dos anos 1974 a 1984 e as atas de colação de grau em Enfermagem dos anos 1977 a 1987. Os documentos foram submetidos à análise crítica externa e interna que comprovaram a autenticidade e as listas mostraram possuir valor de prova do acontecimento estudado. Os resultados apontaram que desde o primeiro vestibular houve procura masculina pelo curso de Enfermagem em Alagoas e alguns homens foram aprovados nos anos de 1974, 1975, 1976, 1977, 1979, 1981, 1982, 1984. Os primeiros enfermeiros se formaram em 1980 e mais três em 1983 e 1984. A formação de

um enfermeiro por ano mostra a regularidade da sua presença no curso contrariando a expectativa de uma sociedade patriarcal com fortes raízes coronelistas como a alagoana, diante de uma profissão eminentemente feminina no campo da saúde onde se exercia a dominação masculina a partir de outras profissões.

**Descritores:** História da Enfermagem; Educação em Enfermagem; Enfermeiro.

### ABSTRACT

Quantitative study of historical-documentary nature, which aimed to analyze the male insert in the first ten years of the Nursing's course at the Federal University of Alagoas/Brazil, from documents deposited in the sectoral archives of the institution. The primary sources were the entry lists from the years 1974-1984 and the minutes of graduation in nursing from the years 1977-1987. The results show that since the first entrance exam existed male demand for nursing course in Alagoas and some guys were approved for entrance exam in the years 1974, 1975, 1976, 1977, 1979, 1981, 1982, 1984. The first nurses formed in 1980 and three more were formed in 1983 and 1984. The beginning of the formation of a nurse per year shows the regularity of their presence in the undergraduate course in nursing in a patriarchal society like Alagoas, face of an eminently female profession, especially in the health field where male domination is made from other professions.

**Descriptors:** Nursing History; Nursing education; Nursing.

### RESUMEN

Se trata de una investigación cuantitativa de corte histórico-documental cuyo objetivo fue analizar el ingreso masculino durante los diez primeros años del curso de enfermería en la Universidad Federal de Alagoas/Brasil, partiendo de documentos existentes en los archivos sectoriales de la Institución. Como fuentes primarias se consideraron las listas de ingreso del período comprendido entre 1974 y 1984, bien como las actas de las ceremonias de graduación de la Facultad, período 1977 a 1987. Los resultados revelaron que desde el primer examen de selectividad hubo demanda masculina por la carrera de enfermería en Alagoas. Además, mostraron que hubo aprobación de jóvenes en 1974, 1975, 1976, 1977, 1979, 1981, 1982 y 1984. El hecho de que empezara a graduarse un (1) enfermero por año pone de manifiesto la regularidad de la presencia masculina en la carrera frente a una profesión eminentemente femenina, en el área de La salud, donde la dominación masculina provenía de otras profesiones, en una sociedad patriarcal con fuertes raíces "coronelistas" como la alagoana.

**Descritores:** Historia de La Enfermería, Educación em Enfermería, Enfermero.

### INTRODUÇÃO

Trata-se de um estudo que tem como objeto a inserção masculina no primeiro curso de graduação em Enfermagem de Alagoas, ao longo dos seus primeiros dez anos de funcionamento, motivado pela insuficiência de informações no campo alagoano que pudesse contribuir sobre o processo de incorporação de homens no exercício profissional da enfermagem.

Florence Nightingale institucionalizou a enfermagem e estabeleceu princípios éticos e morais, veiculando as características femininas como adequadas para exercer a profissão. O modelo de ensino proposto por Florence rompe com desvalorização social da enfermagem, exigindo das candidatas características como piedade, pureza, submissão e domesticidade. Sobre sua influência ocorre a feminização da enfermagem, estabelecendo barreiras para participação masculina e mantendo a divisão sexual do trabalho<sup>(1,2)</sup>.

Anteriormente à reforma de Florence os homens exerciam muitas atividades de enfermagem. Percebe-se que com as mudanças iniciadas por Florence não se faz menção do cuidado prestado

por enfermeiros. Observa-se assim uma enorme falha no que tange a inserção masculina na enfermagem. Além disso, muitos estudos ainda consideram a profissão mais adequada ao sexo feminino, dificultando a entrada de homens na mesma<sup>(2)</sup>.

No entanto, apesar de alguns estudos ainda considerarem a enfermagem uma profissão dominada por mulheres, os homens estão aumentando em número dentro de profissões assistenciais, principalmente da enfermagem, ingressando muitas vezes em idade similar a das mulheres com a intenção de cuidar dos outros. Além disso, os temas principais alegados pela categoria masculina para a escolha desta profissão foram a segurança no emprego, empoderamento e poder profissional e os salários crescentes<sup>(2,3)</sup>.

Os homens no decorrer da história sempre preferiram exercer profissões construídas e legitimadas culturalmente como masculinas. Quando isso não se configura, como na enfermagem, ao escolherem essa profissão são vistos pela sociedade como afeminados<sup>(2)</sup>. Porém os homens que exercem a masculinidade hegemônica tendem a se beneficiar e ascender em áreas de trabalho específica com mais prestígio, que pagam melhor, e legitimam masculinidade. Dentre essas áreas destacam-se a área ortopédica, a psiquiátrica e entidades de classe, entre outras<sup>(1,2)</sup>.

No Brasil, a enfermagem também esteve atrelada à religião e começou a ser praticada tanto por homens quanto por mulheres, vindo a se feminilizar com o advento da modernidade. Porém, o cuidar diz respeito a homens e mulheres, embora a divisão do trabalho tenha levado a uma construção social de mulheres, considerando tarefas que envolvem sensibilidade e afetuosidade como femininas<sup>(4,5)</sup>.

Em 1920 Carlos Chagas, à época diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, traz ao Brasil a Missão Parsons, composta por enfermeiras norte americanas, cujo objetivo era ajudar o País que passava por um surto epidemiológico de Gripe Espanhola. Junto com este objetivo, a Missão Parsons também estabeleceu o compromisso de criar a primeira escola de Enfermagem oficial, no modelo anglo-americano, com o nome de Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública denominada posteriormente como Escola de Enfermeiras Anna Nery, compromisso este cumprido em 1921 e 1922<sup>(6-8)</sup>.

Em 1923 iniciou a primeira turma, sem a presença de rapazes, em razão das características do modelo anglo-americano adotado, o qual dificultava a participação masculina. A partir de então, com as necessidades de mão de obra qualificada, este modelo, já sob a responsabilidade da Escola de Enfermagem Anna Nery, estabelecida como padrão de formação de enfermeiros no país, foi difundido por alguns estados brasileiros a partir da criação de outros cursos de enfermagem<sup>(6,7)</sup>.

Em Alagoas o advento da criação do curso de enfermagem de ensino superior se deu em 1973, impulsionado, mas não determinado, pela chegada em Maceió do navio HOPE, financiado pela Fundação Rockefeller, com o intuito de executar a política de ajuda dos Estados Unidos às nações mais pobres<sup>(9)</sup>. As razões da chegada do navio se deviam à situação precária de saúde no estado, onde a profissão era exercida por atendentes e auxiliares de enfermagem e as poucas enfermeiras que atuavam vinham de outros estados<sup>(7,9)</sup>.

As autoridades de Alagoas teriam a intenção de ampliar a formação de profissionais de enfermagem, agora na modalidade graduação. Com isso criou-se o curso de enfermagem na Universidade Federal de Alagoas no mesmo ano, e seu primeiro vestibular em 1974<sup>(9,10)</sup>. Neste contexto este estudo tem como objetivo analisar a inserção masculina nos dez primeiros anos do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, a partir de documentos depositados nos arquivos setoriais da instituição.

## MÉTODO

Pesquisa quantitativa de cunho histórico-documental. Cada vez mais é necessário valorizar a utilização de documentos em pesquisa pois a “riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural”<sup>(11:2)</sup>.

O recorte temporal tem como marco inicial o ano de 1974, quando ocorreu o primeiro vestibular para curso de Enfermagem no estado de Alagoas. O marco final corresponde ao ano de 1987, ano de formatura da última turma (1984) do recorte temporal em estudo, correspondendo à primeira década do curso. O recorte geográfico foi a cidade de Maceió, capital de Alagoas e o institucional foi a UFAL, por ter sido a instituição que criou o primeiro curso de graduação em enfermagem. Os setores de busca foram a Comissão Permanente do Vestibular – COPEVE, a Escola de Enfermagem e Farmácia – ESENFAR e o Departamento de Registro e Controle Acadêmico – DRCA.

As fontes primárias foram as listas de ingressantes e concluintes do curso de graduação em Enfermagem da UFAL no recorte temporal definido que foram encontradas nos setores indicados. Inicialmente buscou-se as listas dos aprovados no vestibular, encontrando-se as poucas que foram preservadas após a decisão institucional de descartá-las após a publicação. As listas de concluintes foram encontradas com mais facilidade no DRCA, em razão das atas de formatura que são documentos oficiais e sem as quais os diplomas não são expedidos. Mesmo assim, observou-se que muitas estavam manuscritas em livro próprio, tipo brochura, com assinatura dos formandos ao lado de cada nome. Este livro encontra-se bastante manuseado e corre o risco de soltar folhas, perdendo-se registros originais importantes. Evitou-se buscar os concluintes em listas de convites de formatura, porque nem todos naquele documento efetivamente colaram grau.

Ao todo foram disponibilizadas nove listas de ingressantes e quinze de concluintes, compondo o corpus documental do estudo. Como os originais ficaram retidos nos arquivos institucionais, mesmo se tratando de documentos públicos, os responsáveis institucionais emitiram e certificaram cópias dessas listas que após o estudo foram arquivadas no Laboratório de Documentação e Pesquisa em História da Enfermagem- LADOPHE da UFAL. Não houve consulta a dossiês pessoais, lidando-se exclusivamente com listas nominais de domínio público.

Uma vez identificados, os documentos foram tratados pela análise crítica externa e interna, utilizando-se o instrumento que vem sendo aplicado nas pesquisas conduzidas no Grupo de Estudos D. Isabel Macintyre – GEDIM<sup>1</sup>. A análise externa verificou e comprovou sua autenticidade com base na autoria e procedência. Os ingressantes compuseram a primeira caderneta de registro acadêmico, procedentes do DRCA. A análise interna conferiu a apreensão do conteúdo, significado, veracidade e natureza dos documentos. Todos eram listas de ingressantes e concluintes, registrando os alunos que começavam ou concluíam o curso de graduação em Enfermagem.

Analisados os documentos, o banco de dados foi composto pelas informações extraídas diretamente das listas e passou-se à análise de sua composição, por ano de entrada ou ano de formatura, chegando-se aos dados relevantes para responder aos objetivos propostos. Esses dados foram tratados com recursos da estatística descritiva, com base em frequência simples e acumulada e apresentados com o apoio de gráficos.

## RESULTADOS

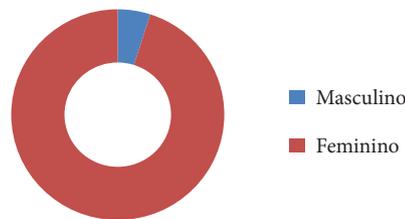
A consulta aos arquivos da COPEVE mostrou que nem todas as listas dos anos incluídos no recorte temporal da pesquisa estão preservadas, sendo disponibilizadas as listas dos concorrentes desclassificados do ano de 1974, as listas dos classificados em primeira opção do primeiro e segundo semestres do ano de 1981 e as listas dos aprovados em primeira e segunda opção no ano de 1984. As listas dos ingressantes dos anos de 1978 e 1983 não foram encontradas.

Esta situação comprova as grandes dificuldades que o pesquisador de estudos históricos enfrenta ao buscar as fontes de seus estudos, pois, não é raro documentos importantes serem desprezados sem os devidos cuidados e nem as leis serem cumpridas no que diz respeito ao processo de tratar, arquivar e desfazer-se de documentos, perdendo-se informações preciosas para a análise dos fenômenos sociais vividos<sup>(12,13)</sup>.

No Gráfico 1 vê-se a participação masculina na concorrência ao primeiro vestibular para o curso de Enfermagem em Alagoas:

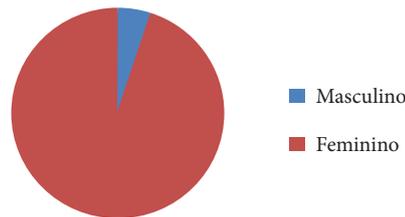
<sup>1</sup> Instrumento criado para pesquisa de Santos, James Farley Estevam. O Processo de Enfermagem nos artigos publicados na Revista Brasileira de Enfermagem – 1932/2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Enfermagem). Universidade Federal de Alagoas, Regina Maria dos Santos (Orientadora) 70 f, 2012.

Gráfico 1 – Distribuição dos concorrentes aprovados no primeiro vestibular em Enfermagem em 1974 segundo o sexo. Maceió, 2015



Os dados do Gráfico 1 mostram que desde a primeira oferta de vagas para o curso de Enfermagem pela UFAL a presença masculina se fez notar, embora em pequena proporção (5%). Por sua vez, o Gráfico 2 evidencia a razão entre a eliminação de rapazes e moças nesse mesmo vestibular:

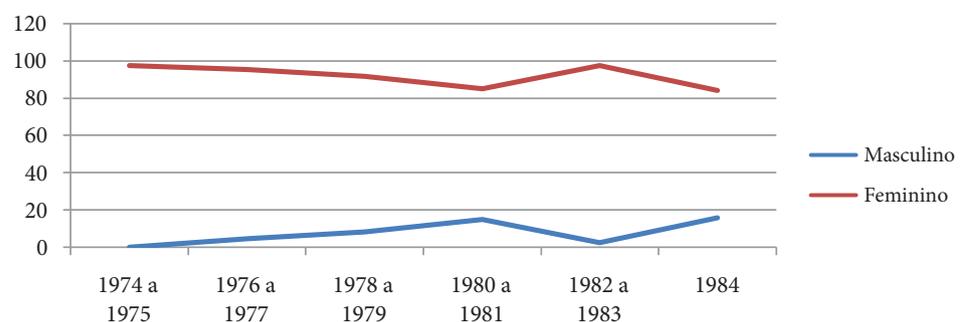
Gráfico 2 – Distribuição dos concorrentes aprovados no primeiro vestibular em Enfermagem em 1974 segundo o sexo. Maceió, 2015



Os dados do Gráfico 2 revelam que 5,6% dos candidatos desclassificados eram do sexo masculino, e 5% dos aprovados (Gráfico 1) também eram homens. A ausência de fontes primárias impediu identificar se a proporção entre os desclassificados e ingressantes foi mantida ou se o sexo masculino era mais eliminado do que o feminino.

Ao longo dos dez anos que compuseram o recorte temporal deste estudo a inserção masculina não foi constante, como mostram os dados do Gráfico 3:

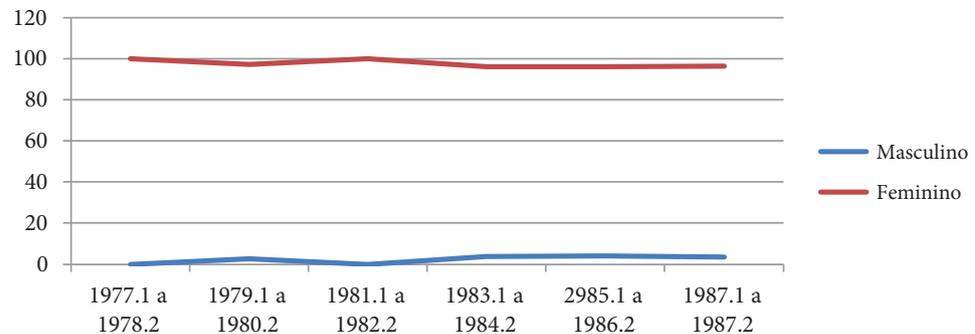
Gráfico 3 – Distribuição dos aprovados no vestibular para o curso de graduação em Enfermagem segundo o sexo. Maceió, 2015.



Os dados do Gráfico 3 revelam que a inserção masculina do curso foi irregular com predomínio do período compreendido entre 1980 a 1981 (15,1%), enquanto que o período de menor aprovação de rapazes foi entre 1982 e 1983 (2,6%). Percebe-se que apesar da variação a tendência foi ascendente, podendo a queda em 1982 estar associada ao aumento de vagas em outros cursos da área de saúde na universidade. Não foram encontrados dados que comprovassem esta suspeita.

Em relação aos dados de formatura, a conclusão do curso pelos homens também foi relativamente regular, como mostram os dados do Gráfico 4:

Gráfico 4 - Distribuição dos concluintes do curso de graduação em Enfermagem segundo o sexo. Maceió, 2015.



De acordo com a análise realizada durante o primeiro semestre da pesquisa, obteve-se os seguintes dados: no ano de 1977 à 1979 não se formou nenhum homem; só em 1980 formaram-se 02 homens e nos anos seguintes a variação permaneceu a mesma, com decréscimo para o último ano da pesquisa.

## DISCUSSÃO

O percurso desta pesquisa evidenciou dificuldades que são comumente enfrentadas pelos pesquisadores da área de história e que são compartilhadas pelos pesquisadores que estudam o desenvolvimento da Enfermagem. O principal entrave à realização desses estudos é a destruição de documentos sem os devidos cuidados de preservação de fontes históricas.

Alguns estudos relatam dificuldades semelhantes, onde é possível verificar o descaso de algumas instituições que não fazem o armazenamento adequado dos seus arquivos. Nestas condições, na maioria das vezes os arquivos das universidades estão desprovidos de organização e arquivamento apropriado, causando o armazenamento inadequado e a eliminação indiscriminada de documentos, mostrando que as instituições não prestam a atenção necessária aos arquivos, pois, não possuem o conhecimento suficiente sobre o seu valor<sup>(13)</sup>.

Sobre a inserção masculina na Enfermagem, foco desta pesquisa, faz-se necessário descortinar em que cenário as relações sociais entre homens, mulheres, trabalho e poder se construíram. No Brasil o processo de colonização inculcado pelos portugueses influenciou a cultura patriarcal e esta ainda se faz sentir na atualidade. Apesar da sua aparente desintegração, a mentalidade patriarcal permaneceu na vida e na política brasileira, pelas vias do coronelismo e do clientelismo. Nessa conjuntura, as funções e papéis para homens e mulheres são determinados pelas estruturas sociais as quais são consideradas próprias ou naturais de seus respectivos gêneros<sup>(14)</sup>.

Em Alagoas, as relações de trabalho assumem modelos diferentes entre o trabalho rural, ditado pela monocultura do açúcar e o urbano, estabelecendo relações sociais de submissão do feminino ao masculino, haja vista ser a conjuntura alagoana marcada pelo latifúndio-minifúndio e pelo trabalho agrícola braçal, ou seja, pela inexistência de um setor de serviços amplo e de uma indústria significativa, estabelecendo a prevalência de uma cultura patriarcal, dificultando a libertação feminina e sua luta pela igualdade de direitos<sup>(15)</sup>.

Mas, se à mulher alagoana continua cabendo o trabalho de providenciar, cuidar para manter a vida e a saúde, ao homem que opta por desenvolver sua vida profissional em área como a Enfermagem, reafirmada como feminina, cabe uma luta em dois sentidos: ser aceito pela comunidade profissional feminina mantendo sua condição de homem e alcançar posições de destaque diante dessas mulheres pelo uso de seu capital social masculino.

Para chegar aos dados desta pesquisa, os documentos analisados foram coletados dos livros de colação de grau de capa dura preta, sendo que continham registros de vários anos, as folhas dos mesmos estavam envelhecidas e amareladas pelo tempo, todos guardados em armário próprio do setor. Eram documentos originais, autênticos, todos manuscritos e assinados pelos respectivos chefes do setor ao longo do tempo. Registra-se que na época o setor era conhecido com Departamento de Assuntos Acadêmicos.

No curso de graduação em Enfermagem criado em Alagoas no ano de 1973, em plena ditadura militar, a participação masculina se fez presente em duas situações: na realização do primeiro vestibular, em 1974 onde foram aprovados 38 mulheres e dois homens, enquanto que foram desclassificados seis homens entre 101 mulheres (Gráficos 1 e 2). Para alguns autores permanece a crença de que o cuidado é considerado uma extensão do papel “natural” das mulheres, crença esta que coloca os homens como não adequados ao papel da enfermagem e esse tipo de preconceito tem vários efeitos sobre os homens que trabalham nesta área<sup>(16)</sup>.

Ainda o conjunto dos Gráficos 1 e 2 remetem à refletir que a proporção de 5% de homens aprovados no vestibular sofre pouca alteração no conjunto dos desclassificados naquele certame - 5,6% de homens, mantendo o caráter de exceção à regra. Este mesmo autor traz ainda a apreciação de estudos que indicaram que os homens que se matriculam na formação de enfermeiros são muitas vezes considerados não conformes com o que é socialmente considerado normal para uma pessoa pertencente ao sexo masculino<sup>(16)</sup>.

Corroborando com estes achados, e, consultando documentos do GEDIM, recolhidos no percurso de um projeto mais amplo de ação do grupo de pesquisa para a comemoração do aniversário de 40 anos da criação do curso de Enfermagem descobriu-se que os dois homens aprovados no primeiro vestibular não se inseriram no curso, pois, não se matricularam no primeiro período do curso. Não há elementos indicadores das razões desta desistência, constituindo-se em pergunta a ser respondida em estudos futuros para estabelecer ou não nexos de causalidade com os preconceitos componentes da estrutura social alagoana.

Na sequência de vestibulares ao longo do tempo, pode-se perceber pelos dados do Gráfico 3 que a frequência de homens aprovados não foi regular, havendo mesmo alternância entre períodos de maior procura e outros de quase ausência. Correlacionando esses dados com a conjuntura social, observa-se que no período mais difícil da ditadura militar - 1974 a 1975, a procura por parte dos homens foi menor. Já no intervalo entre os anos de 1978 a 1981 a procura dos homens pelo curso de Enfermagem aumentou progressivamente<sup>(17)</sup>.

Neste intervalo de tempo alguns acontecimentos sociais devem ser considerados. A ditadura militar estava em fase de abertura para o estado democrático, forçada pelos movimentos populares e pelos setores progressistas da sociedade. O Movimento pela Reforma Sanitária tornava-se mais forte, havia pressão externa da Organização Mundial de Saúde para abertura de novos cursos de Enfermagem e, no contexto local, o curso criado já se apresentava consolidado. As lutas vitoriosas das enfermeiras formadas pela inserção no campo do trabalho em saúde colocavam a Enfermagem em posição de destaque e subvertiam o lugar que a sociedade alagoana havia previamente destinado à novas enfermeiras<sup>(18)</sup>, o que pode ter tornado a profissão atrativa para os homens naquela época.

Somente em 1984 houve percentual maior de participação masculina nos vestibulares para Enfermagem, chegando a 16% do total aprovado. Vale relacionar este dado com o ano de maior efervescência dos movimentos populares que culminaram com o movimento pelo restabelecimento definitivo da democracia que ficou conhecido como “Diretas Já”. Esta fase foi propícia para romper proibições sociais e adotar comportamentos desafiadores<sup>(17)</sup>. Além disso, no estado de Alagoas havia emprego para enfermeiras naquele período e as formadas que quiseram seguir adiante, todas estavam já trabalhando. Esta informação procede por ter sido este o primeiro curso da UFAL<sup>(18)</sup>

Quando o estudo reporta à conclusão do curso, sabe-se que a primeira formatura aconteceu no mês de junho de 1977 e que a primeira turma de concluintes estava composta por nove graduandas de enfermagem. Da mesma forma, sabe-se que a segunda turma formou-se em dezembro de 1977 e somente seis formandas colaram grau. Assim, em primeira instância tem-se a ausência de homens concluintes, o que se estendeu até o final de 1978, conforme os dados do Gráfico 4.

Vale esclarecer que o curso de graduação em Enfermagem estava organizado para ser integralizado inicialmente em sete semestres (primeira e segunda turmas) e logo depois, com a primeira reforma curricular, esse prazo foi ampliado para nove semestres<sup>(7,19)</sup>, permanecendo assim até 2009.

No período de 1979 a 1980 dois homens se formaram, enquanto que entre os anos de 1981 a 1982 também não houve formação de enfermeiros. Acumulando-se os dados a partir de 1983 houve um aumento interessante no quantitativo de homens formado, chegando a sete até 1987, fim do recorte temporal do estudo (Tabela 4). Observa-se que não houve regularidade na distribuição dos concluintes, da mesma maneira que não houve regularidade na inclusão masculina como ingressantes.

Quando a enfermagem moderna foi introduzida, a figura masculina foi excluída desse espaço, pois homens de boa família e formação eram herdeiros de profissões consideradas culturalmente hegemônicas e que já possuíam influenciana sociedade<sup>(7)</sup>.

Os dados da Tabela 4 permite ainda observar que no período dos 10 anos que foram estudados, houve a inserção (Gráfico 3). No período correspondente aos 10 anos de formatura, tem-se que nove homens colaram grau num universo de 351 formandos, correspondendo a 2,6% do total (Tabela 4)

Assim, vê-se que há uma discrepância entre o quantitativo de homens ingressantes e concluintes do curso, mostrando que nem todos que entraram no curso permaneceram até o seu fim, tanto que o percentual de ingressante foi de 8,3% e o de conclusão foi de 2,6%. É possível atribuir esta discrepância a razões sociais e a razões ligadas à própria Enfermagem.

Enfim, os índices sociais e indicadores de saúde brasileiros e alagoanos comprometedores, aliados às exigências da Organização de Saúde, bem como os acordos assinados pelo Brasil na Conferência de Alma Ata, incentivaram a expansão do número de cursos de enfermagem no Brasil, beneficiando também o estado de Alagoas que não estava incluído nesta prioridade do MEC.

Por outro lado, a reforma universitária de 1968 ampliou as vagas nas universidades brasileiras aumentando o número de cursos, o que também favoreceu o estado de Alagoas. Os dados não permitiram afirmar, porém deixam espaço para associar a inclusão masculina no curso recém criada de Enfermagem à visível possibilidade de emprego, em área onde a carência de profissionais era notável.

## CONCLUSÃO

Diante dos dados apresentados e discutidos, verifica-se que a questão norteadora da pesquisa foi respondida, pois a inserção masculina no primeiro curso de graduação em enfermagem no estado de Alagoas se deu de forma irregular, havendo a participação de homens desde o primeiro vestibular, embora estes não tenham se inserido no curso, evadindo-se precocemente.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados, pois, os dados mostraram que nos 10 anos que compuseram o recorte temporal deste estudo, 71 homens foram classificados, aprovados ou iniciaram o curso em contraponto a 783 mulheres, sendo que esta inserção foi desigual ao longo dos anos e o período de maior aporte masculino foi entre 1980 e 1981. Viu-se ainda que no período de 1982 e 1983 o quantitativo de homens inseridos foi igual, diferente de 1984 quando somente dois homens entraram no curso.

A diferença entre os homens ingressantes e concluintes foi marcante, haja vista que 71 entraram e somente 9 se formaram no recorte temporal definido, correspondendo a 1,3% do total, demonstrando que o percurso desses estudantes não foi fácil. Por fim, guardadas as limitações impostas ao estudo pela destruição de fontes, os resultados mostraram que os dados encontrados não diferem da realidade descrita em outros estudos nacionais e internacionais.

## REFERÊNCIAS

1. McMurry T B. The Image of Male Nurses and Nursing Leadership Mobility. Nursing Forum [Internet] 2011 [Acesso em 10 out 2015]; 46(1):22-28. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1744-6198.2010.00206.x/pdf>
2. Pereira PF. Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional [dissertação]. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2008.
3. Macdougall G. Caring — a masculine perspective. Journal of Advanced Nursing [Internet] 1997 [Acesso em 20 jul 2015]; 25(4): 809-813. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1046/j.1365-2648.1997.1997025809.x/pdf>
4. Amorim RC. A questão do gênero no ensinar em enfermagem. Rev. Enferm. UERJ. [Internet] 2009 [Acesso em 07 set 2015]; 17(1):64-68. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v17n1/v17n1a12.pdf>
5. Peres MAA, Filho AJA, Paim L. Historicidade da enfermagem nos espaços de poder no Brasil. Hist. Enf. Rev. Eletr. [Internet] 2014 [Acesso em Ago 2015]; 5(1):83-94. Disponível em: <http://www.here.abennacional.org.br/here/vol5num1artigo7.pdf>
6. Pereira AV. Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros. Cad. Esp. Fem. [Internet] 2011 [Acesso em Ago 2016] Jan-Jun;24(1):49-77. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/14218>
7. Costa LMC, Santos RM, Trezza MCSF, Rozendo CA, Almeida LMWS. Produção de pesquisa histórica relativa a criação de cursos de graduação em enfermagem: uma revisão integrativa. Hist. Enf. Rev. Eletr. [Internet] 2012;16. [Acesso em 10 out 2015 ]; 3(1):1-16. Disponível em: <http://www.here.abennacional.org.br/here/vol3num1artigo1.pdf>
8. Santo TBE, Oguisso T, Fonseca RMGS. A profissionalização da enfermagem brasileira na mídia escrita no final do século XIX: uma análise de gênero. Rev. Latino-Am. Enfermagem. [Internet] 2001 [Acesso em 30 out 2015 ]; 19(5): 1265-1271. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n5/pt\\_26.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n5/pt_26.pdf)
9. Santos RM, Tavares LVS, Cruz DE, Trezza MCSF. Circunstâncias de criação do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas: um estudo preliminar. Hist. Enf. Rev. Eletr. (HERE) [Internet] 2010 [Acesso em 27 nov 2015]; 1(1): 69-94. Disponível em: [http://www.here.abennacional.org.br/here/n1vol1ano1\\_artigo5.pdf](http://www.here.abennacional.org.br/here/n1vol1ano1_artigo5.pdf)
10. Costa LMC, Santos RG, Santos TCF, Trezza MCSF, Leite JL. Contribuição do Projeto HOPE para a configuração da identidade profissional das primeiras enfermeiras alagoanas, 1973 a 1977. Rev. Bras. Enferm. [Internet] 2014 [Acesso em 27 nov 2015]; 67(4):535-42. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672014000400535](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672014000400535)
11. Sá-Silva JR, Almeida CD, Guindani JF. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. [Internet] 2009 [Acesso em 27 jan 2016]; 1(1): 1-15. Disponível em: [http://redeneq.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/pesquisa\\_documental\\_pistas\\_teoricas\\_e\\_metodologicas.pdf](http://redeneq.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teoricas_e_metodologicas.pdf)
12. Mendes AOT. A pesquisa histórica e o acesso à informação: dificuldades e possibilidades na era digital. In: Anais do XXI Encontro Estadual de História - ANPUH-SP; 2012 set 3-6; Campinas (SP), Brasil. Campinas, 2012.
13. Geronimo MB, Bizello MLB. A organização de arquivos universitários: reflexo da arquivística integrada na implementação dos sistemas de arquivo. In: XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB); 2013 29 out- 01 nov Florianópolis, SC. s/p. Disponível em: <http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/504/434>. Acesso em 10/08/2015.
14. Barbosa MAC, Matos FRN, Santos APF, Almeida AMB. Mulheres e Patriarcado: Dependência e Submissão nas Casas de Farinha do Agreste Alagoano. In: XXXV Encontro da ANPAD; 2011 set 3-7; Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Rio de Janeiro 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR1463.pdf>
15. Lessa G. Os Principais Momentos do PCB em Alagoas. In: A indústria têxtil, a classe operária e o PCB em Alagoas. SALDANHA, Alberto (Org.). Maceió: EDUFAL, 2011.

16. Roy B, Holmes D, Chouinard V. Contribution à une éthique de la sollicitude - Masculinités et genre dans la profession infirmière. Recherche en soins infirmiers. Québec 2011 décembre; 107: 38 – 48.
17. Brasil. Redemocratização e o direito à memória, à verdade e à justiça. In: Araujo MP, Silva IP, Santos DR Organizadores. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013. P. 39-41.
18. Macedo AC. A luta das primeiras enfermeiras formadas em Alagoas por posições no campo da saúde – 1977/1979 [Dissertação]. Maceió: Universidade Federal de Alagoas ;2013.
19. Figueiredo MCS, Mendonça MRA, Santos RM. Avaliação do curso de enfermagem e obstetrícia da Universidade Federal de Alagoas. Maceió : Edufal, Vol 3, 1987.